

Isabel Capeloa Gil

Discurso de Abertura do ano letivo 2024-25

Eminência Reverendíssima, Patriarca de Lisboa e Magno Chanceler da Universidade Católica Portuguesa, sr. D. Rui Valério

Representantes do Governo de Timor Leste, Sra. Ministra das Finanças, Dra Santina Cardoso, sr Ministro da Justiça, Dr Sérgio Ornay, sr. Ministro do Ensino Superior, Dr. José Jerónimo, sr Ministro do Planeamento, dr Gastão Sousa,

Sr. Presidente Cavaco Silva,

Senhor Vice-Reitores e demais membros da Equipa Reitoral,

Senhores Diretores de Unidades Académicas e unidades de investigação

Senhores Professores,

Caros graduados e estudantes,

Colaboradores da UCP,

Meus senhores e minhas senhoras,

Há um ano atrás, iniciámos a sessão que marca o início do ano letivo com uma reflexão sobre o mundo em guerra e sobre a utilidade da universidade em tempos de conflito. Um ano volvido, a abertura do ano letivo não pode deixar de olhar de novo o contexto social, cultural e político em que a universidade opera e que se agravou, com a radicalização dos conflitos bélicos, o aumento dos fenómenos climáticos extremos fruto de uma emergência há muito diagnosticada, o exponenciar da polarização política nas sociedades democráticas e o reforço dos autoritarismos.

E todavia, os sinais de dissenso no mundo em que vivemos e os sinais de crise que envolvem muitas universidades, não são indicativos de que a instituição universitária está a perder valor. Na verdade, o perigo maior é deixar de entender o valor próprio e específico da universidade. Como bem refere o Professor da Universidade de Stanford, Hans Ulrich Gumbrecht, a

universidade não pode ser pensada como “um meio estranhamente ineficiente e grotescamente caro de transmissão de conhecimento pré-profissional” (Gumbrecht, 2017, pp. 43-44). Na verdade, a ideia de universidade implica formação estrutural da pessoa, mas também contributo para a melhoria da sociedade e do planeta. Por isso, para ser universidade no sentido verdadeiro do termo, a instituição deve entender-se como espaço de exploração, eterno projeto e obra sempre inacabada, mas incontornavelmente centrada na promoção da dignidade das pessoas, através do ensino, da investigação, da transferência de conhecimento.

O escritor Albert Camus escreveu durante a II Guerra Mundial (1945) uma série de cartas fictícias dirigidas a um hipotético amigo alemão, onde se questionava sobre os fundamentos do conflito e sobretudo aquilo que tornava um povo inimigo de outro. Por definição, dizia Camus, um escritor francês não pode ser inimigo de povo nenhum, pelo que a carta tem necessariamente de ser escrita a um ‘amigo alemão’. Renegando, contudo, a retórica nazi de hierarquização cultural dos povos, o discurso que sobrepunha a mentira à verdade, que refazia a linguagem e transformava o sentido das palavras, Camus resume a posição dos povos que lutavam contra o nazismo a um combate em defesa do detalhe e dos valores. Escreveu Camus:

Nunca acreditei no poder da verdade por si mesma. Mas é importante ter consciência de que a verdade se sobrepõe sempre à mentira. (...) Estou tentado a dizer-lhe que hoje em dia lutamos em defesa de nuances, mas de detalhes/nuances que têm a importância do próprio ser humano. Lutamos pela nuance que consiste na separação entre mística e sacrifício; da energia face à violência, da força relativamente à crueldade, e por essa nuance ainda mais frágil que é a que separa o verdadeiro do falso e que distingue o homem que nos dá esperança dos deuses cobardes que vós reverenciais.¹

Contestando a retórica de um nacionalismo exacerbado, que não é patriotismo, Camus coloca a esperança do humanismo, na verdade do humanismo cristão – o homem que nos dá esperança -, como o grande *telos*

¹ Albert Camus, *Lettres à un ami allemand*, Gallimard, Paris 1972: 31.

de um combate em defesa dos valores que organizam a sociedade e que se materializam na realidade da vivência digna, como é o caso da verdade, que não tem poder por si, mas pela força da evidência e da sua representação. Singular é nesta afirmação de Camus, a importância dada à nuance, ao detalhe. E é por isso que dela falo nestes terríveis dias de conflito e numa ocasião de abertura de ano letivo.

Perante a barbárie, a função da universidade é formar mulheres e homens capazes de compreender e defender a força do detalhe, ou da complexidade, como diria a jornalista Anne Applebaum. Capazes de escolher o seu caminho em consciência, de criar o seu futuro, com autonomia.

A questão da escolha é central nas nossas sociedades permeadas pela força da desinformação, e que a universidade tem por missão combater. Num ensaio escrito durante a ocupação da Polónia na Segunda Guerra Mundial, o escritor Czeslaw Milosz viu que, mais do que a violência crua desencadeada sobre os seus compatriotas, o elemento mais corrosivo das ações do ocupante residia na destruição de um sistema estruturado de conhecimento, de comportamentos e crenças, assente numa agenda anti-intelectual. “A partir de contradições profundamente enraizadas no nosso sistema de conhecimento”, escreveu, “cresce a convicção sobre a incognoscibilidade fundamental do mundo, a que se junta uma ideia de verdade com responsabilidade limitada, uma verdade para uso humano, sem qualquer pretensão de ser eternamente vinculativa.” (Milosz, 2005: 70) Quando perdemos a capacidade de discernir entre o certo e o errado, quando a discordância se torna cancelamento, estamos a seguir o caminho da autocracia e, na verdade, a destruir as bases que estruturam o nosso modelo de sociedade aberta, onde todos os cidadãos têm liberdade de escolha, são iguais perante a lei e têm direito a ter direitos.

A simplificação constitui um problema fundamental das sociedades atuais, porque o mundo não é plano, não se estrutura em silos, não se faz de oposições simples. Os problemas com que nos deparamos são complexos, exigem atenção ao detalhe, à nuance, e o cultivo da dificuldade. Exigem um compromisso entre perspetivas diferentes, permitindo a compreensão plural da realidade, que é tão diversa como a própria humanidade. Se queremos honrar um interesse comum de uns pelos outros,

ou como escreve o Papa Francisco em *Fratelli Tutti*, honrar uma dívida e uma responsabilidade comuns (FT, 35), então não há outro caminho senão rejeitar a simplificação banal que cria antagonismo e cultivar a disponibilidade difícil para o diálogo com o que é diferente e complexo.

É este o lugar da universidade, e sobretudo da universidade católica, na sua função matricial de formar mulheres e homens livres, conhecedores, responsáveis.

Portanto, diria que a condição natural da universidade, se o podemos assim dizer foi sempre a de ser agente de crise e de resolução dessa mesma crise. Este não é um tempo de desânimo, mas de exigência, de interpelação para usarmos os talentos abundantes que Deus nos deu para intervir positivamente na dissonância do mundo.

Digo que a universidade é naturalmente agente de crise. Tal posição explica-se porque a sua função se estrutura em dois eixos: o da formação e o da experimentação. A profissionalização, a orientação para carreiras de sucesso, decorre necessariamente da capacidade da universidade para formar pessoas, capacitando-as para compreender criticamente o mundo, discernir e fazer escolhas, agir conscientemente. Por outro lado, a universidade é espaço de exploração e experimentação, onde se ousa tentar e se pode e deve falhar, aprendendo a tentar de novo e a finalmente conseguir atingir o objetivo. É um espaço de contínua inovação e por isso também de dissenso formativo. Só assim podemos promover a capacidade de aspirar, determinante para que qualquer graduado tenha futuro.

Há um sentido de imbricação entre a livre escolha e a responsabilidade que faz parte do modelo formativo da universidade e que está claramente na base da proposta de amizade social que o Papa Francisco apresenta na encíclica *Fratelli Tutti*, do mesmo modo que estrutura a estratégia da cultura do diálogo que no nosso mundo de muros e guerras se manifesta, cada vez mais, com uma força radical. Porque o diálogo cultural só é possível a partir de uma posição de despojamento, de escuta – do Outro, de abertura ao reconhecimento e à justiça, e que na universidade se verte igualmente no diálogo disciplinar.

A guerra é o resultado de uma educação tecnocrática em silos. E se, como escreveu o poeta Paul Celan, só quem aprende a ver, capta o invisível, fomentemos também a capacidade de ver, lendo os símbolos e as diferentes linguagens científicas e artísticas que dão forma à realidade, compreendendo o passado e ensinando o raciocínio filosófico que promove uma reflexão crítica sobre o presente.

A Universidade Católica Portuguesa celebrou 57 anos ao serviço de Portugal, continuando o caminho de fazer diferente para fazer melhor. Celebro neste início de ano o acolhimento a 13 369 alunos em cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento, oriundos de 118 países diferentes. Uma menção especial ao novo contingente de alunos de Timor-Leste, com uma saudação especial aos senhores ministros do governo de Timor que hoje nos honram com a sua presença.

A missão da universidade católica é identitariamente universal, com especial destaque para os países irmãos de expressão portuguesa. Temos uma relação especial com Timor, uma relação de afeto e de cooperação estratégica. Na UCP, temos estado presentes desde o apoio à resistência no tempo da ocupação, mas também pelos programas de formação em língua portuguesa, o programa de formação de jornalistas da FCH e da Fundação Calouste Gulbenkian, há cerca de 20 anos e agora o novo projeto de formação de licenciados em Direito no âmbito do Programa de reforma da justiça. Contem connosco!

O impacto global da UCP tem vindo a crescer nas últimas duas décadas, com uma distribuição de *alumni* por todos os continentes, em todas as áreas de saber que cultivamos, e distribuídos por diferentes nacionalidades. No atual ano letivo, a UCP conta no seu conjunto com 25% de estudantes internacionais, com um crescimento de 72% desde 2016. Permito-me salientar que este lastro internacional se verte também no reforço do programa de apoio a migrantes e refugiados, que conta já com 29 estudantes, que estudam na universidade ao abrigo do Fundo Papa Francisco, para o qual peço que todos possam contribuir. Faz parte da missão da UCP alargar a base de acesso e dar aos jovens talentos a capacidade de aspirar, independentemente da sua situação económica.

Recordo que somos a universidade portuguesa com maior apoio aos seus estudantes em bolsas de mérito e social, totalizando em 2024: 5190M.

Exemplo desse lastro global é o *alumnus* Miguel Freitas, Vice-President for Health and Scientific Affairs da Danone, Engenheiro Alimentar formado na Escola Superior de Biotecnologia, a quem agradeço reconhecida ter-se deslocado de Nova Iorque onde vive há cerca de 20 anos para nos falar nesta ocasião. O seu extraordinário exemplo como cientista e gestor é testamento notável do trabalho da Escola Superior de Biotecnologia que celebra 40 anos este ano. 40 anos de inovação em prol de uma área inexistente em Portugal em 1984 e que a UCP tem o enorme orgulho de ter iniciado e liderado.

Hoje a universidade entrega também o reconhecimento a docentes que concluíram 40 anos ao serviço da UCP. Uma universidade não é um conjunto de belos edifícios, mas uma comunidade de pessoas talentosas. Aos que hoje recebem este diploma, apresento e enorme reconhecimento da universidade pela generosidade e pelo comprometimento com que contribuíram para a história de sucesso que a Católica é.

Permito-me ainda destacar, o Prémio Democracia e Desenvolvimento, instituído pelo Professor Aníbal Cavaco Silva em 1995 e que desde essa altura tem sido atribuído anualmente a alunos das Licenciaturas de Economia e de Gestão e Administração de Empresas, reconhecendo o mérito e o esforço que são o garante de uma vida bem vivida. Agradeço reconhecida ao sr Professor, o modo como tem apoiado a Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais e a UCP que será sempre casa sua e da sra Dra. Maria Cavaco Silva. Do mesmo modo, agradeço à Caixa Geral de Depósitos a importante parceria, e os prémios que hoje entregamos aos melhores alunos dos vários cursos de licenciatura e que demonstra a proximidade de visão societal de uma instituição financeira nodal no desenvolvimento do país com o modelo de formação que a UCP afirma.

E finalmente, dirijo-me aos novos graduados e à suas famílias, para vos dar os parabéns em nome da universidade, a vossa Alma Mater, desejando as maiores felicidades para o novo caminho que agora se inicia e afirmando o orgulho que nele temos.

No livro do Eclesiastes, que está repleto de imensa sabedoria, há um versículo singular. Aconselhando os jovens a escutar as palavras sábias dos mestres, e a estudar, conclui também que “Não há limite para a produção de livros, e estudar demais deixa exausto o corpo.” (Eclesiastes: 12: 11-12) Salienta assim que um saber livresco sem experiência é reflexão árida, e esforço ineficiente. A lição que espero que todos tenham levado da universidade é o de um saber que emancipa, de uma reflexão que cria impacto, fomentando ação responsável e vontade de ir sempre mais além.

Aos que agora se graduam, que o futuro seja luminoso e aos que agora chegam, que estudo não deixe exausto o corpo, mas vos inspire a contribuir para um mundo melhor.